

CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NAS FRENTES DE BATALHA DA INDEPENDÊNCIA À LUZ DA LITERATURA¹

Silvane Gesonias de Souza de Araújo²

RESUMO

O campo literário africano sempre buscou inscrever-se, denunciar e, sobretudo retratar a realidade vivida pelo povo sob a dominação europeia que usurpava direitos, recursos e sua identidade. A difusão de ideias eurocêntricas era imposta aos colonizados e explorados nos diferentes processos com práticas racistas e genocidas. Nesse contexto, a figura feminina foi silenciada e apagada, mesmo sendo a base da reprodução e continuidade do povo africano. O estudo em questão analisou o protagonismo das mulheres angolanas no contexto da guerra de libertação e das lutas sociais a partir do registro e memória presentes no Diário de Deolinda Rodrigues, evidenciando os entraves enfrentados para se estabelecer no movimento político, os conflitos de gênero que compartilha com seus pares. Espera-se que sejam lançados outros e diferentes olhares ao protagonismo feminino, tão necessário e marcante presença das mulheres nas guerras. Espera-se, também, que outras mulheres possam demarcar seu lugar na história, na literatura e na sociedade mundial.

Palavras-chave: Angola - História. Diário de exílio sem regresso - Crítica e interpretação. Movimentos de libertação nacional - Angola. Mulheres - Angola - Atividades políticas.

ABSTRACT

The African literary field will always be inscribed, denounce and, above all, portray the reality lived by the people under the domination that usurped rights, resources and their identity. Contrary to popular opinion, the European Union was invading our colonies and exploiting our processes of racist and genocidal practices. In this context, the female figure was silenced and erased, even being the basis of reproduction and continuity of the African people. The study in question of the struggles of Deolinda Rodrigues presents itself as the protagonism of the struggle and memory of social struggles, with evidence of social problems. It is expected that other and different looks will be launched to female protagonism, so necessary and striking presence of women in wars. We are also expected to have the opportunity to learn about history, literature and social networks.

Keywords: Angola - History. Diary of exile without return - Criticism and interpretation. National liberation movements - Angola. Women - Angola - Political activities.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Gabriel da Cunha Pereira.

² Licenciatura em Letras Vernáculas e Literatura em Língua Portuguesa – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende estudar a participação das mulheres nas frentes de batalha da independência de Angola, a partir da memória de Deolinda Rodrigues. Para isso, será evidenciada a amplitude estratégica da atuação feminina, seja pelos trabalhos educacionais, domésticos e operacionais voltados à luta armada. Por isso, lançamos mão da investigação e análise de obras de Deolinda Rodrigues, que busca expressar o papel da mulher no registro e na memória das lutas, ecoadas através das suas cartas e diários.

As frentes de batalha a que nos referimos são os embates externos contra o colonialismo, e os confrontos internos dentro dos partidos, que minimiza a importância feminina na conquista do país independente.

Sabe-se que a história da África sempre foi silenciada, e a mulher acabou tendo seu espaço reduzido até mesmo nas culturas que as respeitavam. Historicamente, as mulheres africanas estiveram conduzindo suas comunidades, a exemplo, da rainha Candace que enfrentou seus inimigos contemporâneos assumindo o comando de tropas nas fronteiras da Etiópia. Destacou-se por ser corajosa e conquistar o respeito dos sudaneses, sendo homenageada com a conservação de seu nome através de suas sucessoras.

Conforme reconhece Diop (2014), “essa resistência heroica [da rainha Candace] impressionou toda Antiguidade clássica, [...] pelo fato de se tratar de uma mulher: no mundo indo-europeu, ainda não se estava acostumado à ideia de uma mulher a desempenhar um papel político social”.

O matriarcado é uma composição sociopolítica-cultural que ascendia à atuação feminina na centralidade de poder. Neste sistema compartilhavam com seus pares sob critérios de idade e senioridade as formas de organização social e de existir enquanto uma nação.

E mesmo com o apagamento diante dos processos de lutas por independência, emancipação política e social e disputas epistemológicas, sempre estiveram em frentes basilares do renascimento africano.

Evidentemente, a sociedade e as frentes de batalhas não seriam as mesmas sem a resistência das mulheres africanas que consolidavam seus enfrentamentos nos campos sociais, políticos e simbólicos, por isso, o estudo em questão analisou a

participação das mulheres nas frentes de batalha pela independência, através do olhar de Deolinda Rodrigues. Partindo da premissa que a presença feminina foi crucial na construção das bases de apoio e de resistência, e que a elas não são dado os devidos reconhecimentos.

É esperado que este estudo venha despertar interesse pelo protagonismo e contribuições das mulheres africanas nas frentes de batalha, evidenciando essa presença tão anulada e apagada na história africana, fazendo com que outras mulheres possam se reconhecer e demarcar as suas próprias presenças na história, colaborando com o reconhecimento das mulheres do mundo.

O objetivo geral deste estudo é reconhecer a atuação das mulheres africanas nas frentes de batalha através da história e literatura. Os objetivos específicos são: a] valorizar a atuação das mulheres africanas nas diversas frentes de batalha por independência a partir de Deolinda Rodrigues b] evidenciar as contradições da luta por independência no continente; c] visibilizar a escrita histórica e literária de Deolinda Rodrigues e seu enfrentamento à opressão colonialista.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, de abordagem exploratória tendo como percurso metodológico a revisão do referencial teórico à luz dos estudos sobre as mulheres africanas, seus processos de lutas internas e externas por independência, seus conhecimentos e as contribuições nas frentes de batalha.

No estudo em questão é feita uma revisão de literatura realizada através da busca de teses, dissertações, documentos, artigos e nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, além dos repositórios acadêmicos e revistas especializadas.

Ressalta-se, que foram priorizadas as referências oferecidas pela plataforma do curso de especialização, acessada durante o período correspondente ao início e final das disciplinas, até a elaboração desse artigo.

Foram utilizados os descritores em Língua Portuguesa, referentes às palavras chaves do estudo a ser produzido. Para inclusão dos documentos e artigos nas nossas análises, o critério usado foi selecionar aqueles estudos que se referem as seguintes palavras: Protagonismo, Mulheres Africanas, Angola, Guerras da Independência, e Literaturas Africanas.

Uma vez identificado um descritor, realizamos a leitura e fichamento da produção, a fim de estabelecer um diálogo com o autor/a, construindo um entendimento sobre estes processos e identificando fatos que possibilitam inferir esse

protagonismo. Evidenciamos os estudos de Paredes (2014), Gama (2002), Macedo (2002), Souza (2015) e outros trabalhos acadêmicos, complementando a busca em sites como Schielo, Google Acadêmico, Revistas Especializadas, Repositórios Acadêmicos, que reforçam a atuação feminina e problematizam a invisibilização dessas mulheres nas guerras.

Realizamos o levantamento de fatos e registros sobre Deolinda Rodrigues e suas cartas e diário, para assim construir uma leitura biográfica da sua história, não há pretensão de reconstruir sua biografia devido ao tempo de execução da pesquisa, mas levantar elementos que por meio da trajetória, pudessem personificar a mulher africana e sua atuação na guerra de independência.

E por meio da análise de suas cartas, diário e poema, visamos resgatar as experiências de resistência da mulher africana diante da Independência de Angola, esse esforço pretende demonstrar que além do processo armado havia a atuação feminina, mesmo que sendo minorizada que garantiram um robusto portfólio de memórias, registros e fatos, que consolidam e fortalecem nosso objetivo e reafirmam o poder feminino na luta e na história do país.

2 DEOLINDA RODRIGUES: UMA MULHER E SUAS FRENTES DE BATALHA

O território africano quando teve seu caminho civilizatório interrompido pelo colonialismo presenciou o silenciamento de sua história e identidade, a destruição, o roubo de seus recursos e o genocídio. Em resposta a este sistema de exploração, falta de autonomia, devastação de seu povo e seus costumes que surgiram os movimentos de enfrentamento e resistências através da implantação dos partidos políticos para a possível organização de nações independentes.

Os movimentos de independência sofreram forte influência dos movimentos culturais, como os “Novos Intelectuais de Angola” e da articulação e produção de pensamento na Casa dos Estudantes do Império (CEI). Abdala Junior (2006) caracteriza o CEI como:

Espaço político de notável importância, a CEI fortalecia a luta pela liberdade: nos vários países africanos. Por ela passaram líderes como Amílcar Cabral, Alda do Espírito Santo, Marcelino dos Santos, além de Agostinho Neto, todos

protagonistas de momentos essenciais na história da Independência africana.” (ABDALA JR. 2003, p.213).

As ideias se espalharam no continente e estimularam várias Frentes de Libertação, consolidadas em partidos que convocaram o povo para o movimento pela independência através de guerras constantes e que serviram para demonstrar que independente da posição social, política, idade, gênero e outros fatores, todos seriam impactados.

O MPLA surge entre 1945 e 1956, com ideais marxista-leninistas, que reivindicavam a construção de um Estado Soberano, que não sofresse influência ou interferência política e econômica estrangeira, conforme apresentada nos atos oficiais do Partido-Estado do MPLA, onde salientava:

O nosso Partido marxista-leninista (...) luta pelo bem-estar e felicidade de todos os angolanos (...) [e pela] a persistência da nossa acção revolucionária, a justeza dos nossos princípios (...). Quer isto dizer que na sociedade que estamos a construir não desejamos integrar nem lacaios, nem fantoches. Desejamos angolanos. (ABRANTES, 2004, p. 48-49).

Assim, visava por em prática uma agenda que incluía a liberdade e o comunismo, e a consolidação do Socialismo para Angola, posteriormente, Agostinho Neto evidenciado em TALI (2001) conclama:

No que respeita à organização econômica, dizemos que o povo angolano deve ser senhor das riquezas do nosso país, que são precisos salários justos para evitar a exploração dos trabalhadores, etc. É o que, normalmente, se designa por via socialista. É o socialismo (...). Eis a nossa orientação, a nossa linha. (TALI, 2001, p. 155.).

O MPLA era composto por colonizados da etnia *mbundo* e outros grupos tribais, pequena burguesia negra e mestiça e os integrantes dos setores operários, portanto, multirracial e urbano.

Sendo uma organização política e militar, o MPLA foi evoluindo a tal ponto que, em 1970, ocupava uma grande área do país, mobilizava armamento e munições, além de suprimentos como medicamentos e enlatados, de origem soviética. Assim:

Em 1965 a direção do MPLA enviou guerrilheiros para frequentarem cursos da Marinha de Guerra e da Força Aérea na Polônia e na União Soviética. No ano seguinte, em 1966, foram enviados para Cuba 132 guerrilheiros para formação civil e militar, enquanto outro grupo se encontrava na Ucrânia. A União Soviética dispensou alguns dos seus navios e aviões para o transporte

de armamentos e medicamentos para apoiar a luta de libertação nacional conduzida pelo MPLA. Em Setembro de 1964 um navio chega em Ponta Negra, proveniente da URSS, transportando armamento, e esse mesmo navio também serviu para o traslado de guerrilheiros de Ponta Negra para Dar-es-Salam. (FRANCISCO, 2013. p. 42).

Percebe-se um forte apoio da União Soviética as ações do MPLA, configurando um parceiro estratégico capaz de não somente de fornecer recursos como compartilhar as táticas de guerra, corroborando com a libertação do país e a continuidade dessa aliança.

Duas iniciativas grupais se destacaram na consolidação das lutas por independência, das quais podemos assinalar:

A Organização da Mulher Angolana (OMA) tem sua formação no seio das lutas pela independência em 1961, basicamente era um grupo feminino ligado ao MPLA que objetivava organizar as mulheres para luta de libertação nacional e com suas participações conquistarem autonomia frente ao sistema colonial, para isso previa sua composição como uma “organização social constituída pelas africanas nascidas em Angola sem distinção de raça, crença religiosa, ideais políticos, lugar de domicílio e estado civil” (CDIH, 2008:208).

Já o Esquadrão Kamy foi uma coluna guerrilheira treinada em 1966, por cubanos internacionalistas, tinha por objetivo levar reforços para as fronteiras do Congo e também *Cenfuego* - a primeira grande unidade guerrilheira do MPLA, em Brazzaville- Capital da República do Congo. O grupo era integrado por 200 homens e 5 mulheres, conforme nos elucida, Souza (2017), “o insucesso da missão ocasionou na prisão e morte da escritora [Deolinda Rodrigues].”

A Organização da Mulher Angolana (OMA) sendo um espaço político de libertação contra o colonialismo, e o Esquadrão Kamy que mesmo contendo apenas 5 mulheres, torna-se um espaço de ocupação e representatividade feminina com destaques no período das lutas. Deste extrato, citamos as cinco combatentes: Engrácia dos Santos, Irene Cohen, Lucrecia Paim, Teresa Afonso e Deolinda Rodrigues, sendo esta última, a que destacamos para evidenciar as vozes que integraram as lutas através de um registro único que marca a si e suas companheiras de batalha.

Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, conhecida por seu pseudônimo Langidila, é uma guerrilheira e escritora angolana, nascida em Catete no dia 10 de fevereiro de 1939, testemunha das atrocidades praticadas pelos colonizadores

portugueses. A data de sua morte é indefinida até o momento. Existe a versão oficial, que afirma que ela faleceu em 2 de março de 1967. Mas outros, entre eles, Roberto de Almeida, seu irmão, acreditam que Deolinda Rodrigues foi executada no final de 1967 ou início de 1968.

Deolinda Rodrigues veiculada ao Movimento Popular pela Libertação de Angola - MPLA utiliza todos os recursos para estar atuante nas lutas pela independência e seu discurso é sempre pautado na denúncia, convocação e contestação, conforme se apresentaremos nas sessões a seguir.

2.1 A PRIMEIRA FRENTE: AS LIMITAÇÕES DENTRO DO MPLA

As mulheres angolanas, que vislumbraram uma Angola livre, integraram as lutas acreditando que ao lado de seus companheiros pudessem fortalecer um território independente e livre do colonialismo, entretanto, seu **primeiro frente** não foi a luta armada em si, mas os enfrentamentos aos seus companheiros e companheiras, não restringindo sua atuação apenas aos papéis dito femininos e minorizados por aqueles que também buscavam a liberdade do povo.

Instilados os ideais de independência, mulheres africanas se incorporaram nas frentes de batalha, mesmo sendo categorizadas com inferioridade (efeito do próprio colonialismo) na luta armada de seus países. Deolinda estava consciente dos atravessamentos que mulheres negras teriam que enfrentar dentro da luta por libertação e fora dela, registrado, a seguir:

A mulher sendo uma parte essencial do povo, está em primeiro lugar na discriminação. [...] As mulheres pretas em todo o mundo compreendem bem esta verdade porque elas são discriminadas duas vezes: por serem mulheres e por causa da cor da pele [...] Hoje nós as angolanas sabemos que há muito trabalho que nós podemos fazer para avançar a nossa luta, [...] até o fazer parte das milícias nas *sanzalas* e pegar em armas para lutar contra os portugueses no *maquis*. (Arquivo Lúcio Lara, Associação Tchiveka).

Deolinda Rodrigues registra por meio de seu Diário, as resistências para sua aceitação no grupo, que era majoritariamente masculino, oito dias depois ocorre sua integração por suas habilidades de tradução linguística e datilografia, demonstrando sua capacidade intelectual de produzir comunicações em diversas línguas. O registro que data dezessete de setembro de 1956, afirma que “O Mino trouxe um

memorandum pra traduzir e dactilografar. Então é sinal que fui aceite no movimento” (RODRIGUES, 2003, p.25)

Este fragmento evidencia, não somente o sentido de incorporação ao MPLA, como também que sua primeira atribuição que estava ligada a sua capacidade intelectual, definindo uma função técnica, mas também ligada a comunicação e articulação e que seriam fundamentais no momento.

O protagonismo feminino foi além das funções a elas atribuídas, pois, estavam presentes e atuantes nos setores domésticos, educativos e estratégicos dos movimentos, conforme o relato da ex-guerrilheira:

Frequentei a Escola de Instrução Militar durante seis meses onde terminei com a melhor classificação. Os meus colegas, menos qualificados que eu, foram patenteados, menos eu, que era mulher. Quando regressei à minha unidade, fui promovida para membro do Estado-Maior, como chefe das relações públicas e orientadora de círculos de estudos de uma das Instituições Militares da 5ª Região. (CHIZIANE & KASEMBE, 2008, p. 111-112).

No relato acima, é possível perceber que mesmo a ex-combatente tendo um rendimento superior aos colegas-homens no treinamento, o fato de ser mulher foi empecilho para sua ascensão, somente, quando retorna a sua unidade lhe foi dada possibilidade de atuar em cargos de chefia e educacional. Com isso, além de habilidade militar, a ex-combatente pode atuar em áreas estratégicas do Movimento.

Eis que militantes e escritoras, além de denunciar o regime colonial, vivenciaram impactos e violência, os silenciamentos de gênero, e ainda tiveram que enfrentar o preconceito dos companheiros e companheiras de batalha, a se perceber nos registros do diário de Deolinda, que é impedida de representar o MPLA na Accra - Ghana: “esta discriminação só por causa do meu sexo, revolta-me. Se me apanho fora deste MPLA erudito e masculino, não volto em breve. Oxalá as traduções não faltem pra *chasser*³ esta inatividade que me desespera”. (RODRIGUES, 2003, p.57)

Sabe-se que na visão eurocêntrica da época poucas mulheres tinham oportunidades de estudar, se preparar para uma profissão e a elas eram delegados os espaços domésticos e suas atribuições, apontar insurgências era conflitar interna e externamente.

³ Palavra em francês que significa “perseguir”, que permite compreender que sua atuação com traduções daria ocupação e contribuição para o movimento.

As tensões e contradições corriam em todos os momentos dentro do movimento visto que, as discriminações estavam presentes nos discursos entre os camaradas de lutas, que não reconheciam a presença feminina como necessária. Ali se percebia as diferenças entre o tratamento dos dirigentes em relação aos homens e mulheres e o quanto estas estavam em desvantagem, pois, até as reivindicações mais simples não eram atendidas, os cargos e atribuições também demonstravam a existência de divisões.

Independente das violências de gênero e as condições que lhes eram impostas, inúmeras mulheres, empunharam armas, lutaram e entregaram a própria vida nos combates e fora deles, seja confrontando as realidades, denunciando o regime colonial e registrando fatos, relatos e tensões existentes no grupo de guerrilheiras e guerrilheiros, a se perceber:

Na casa da OMA, vou aprende a respeitar o gosto, a opinião das outras, ser amiga de todas, falar pouco, cantar bastante e sorrir muito. Uma das companheiras tem receio de mim e evita-me por eu ser mandona, ter a mania de dar ordens e não saber cozinhar. Consciente de espantar as companheiras nesses pontos, vou esforçar-me por não ser nada disso. (RODRIGUES, 2003, p.70).

É nítida a rejeição à mulher insubordinada representada por Deolinda, que ocupava lugar não convencional, e como isso, impacta na cobrança interna pela mudança de postura para que o movimento pudesse focar naquilo que era mais importante no momento “a libertação de Angola”, assim Deolinda busca silenciar-se estrategicamente para minimizar os desconfortos internos.

A luta feminina também significou abrir mão de sonhos e desejos individuais, para depreender pelo futuro coletivo, a saber:

Mas entre afastar-me da luta para estudar no estrangeiro e ficar cá devotada vinte e quatro horas por dia a luta ao mesmo tempo em que aproveito as horas vagas que milagrosamente conseguir, escolho ficar cá empenhada diretamente na luta. E não é por ninguém que faço isto. É pela minha família, é por Angola, simplesmente, que tomo esta decisão. (RODRIGUES, 2003, p.69)

A figura feminina continuava em conflito na busca de trazer à luz os problemas existentes no seio da luta, convivendo com o preconceito de gênero, que evidenciava através dos discursos de algumas mulheres que as tensões violentas e o

não reconhecimento, incomodavam e enfraqueciam o processo pela independência do país, como afirma Carvalho (2009):

A mulher foi a grande ausente da participação nas negociações formais [...] dos vários acordos produzidos não se tem memória que combatentes femininas fossem enquadradas no seio das forças armadas ou que tenham recebido qualquer subsídio. (CARVALHO, 2009, p. 29).

Como participante dos combates, a falta de reconhecimento e apoio foi um dado constante para as mulheres que estiveram nas guerras de libertação, viveram seus horrores e foram silenciadas nos momentos de decisão, principalmente, porque os acordos propiciaram o reconhecimento e o acolhimento dos ex-combatentes no pós-guerra, sendo eles homens e mulheres. Porém, as mulheres não foram incluídas significando um golpe direto, vindo de seus companheiros de lutas.

2.2 A SEGUNDA FRENTE: GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

Buscar o lugar das mulheres nas frentes de batalha nos leva a reconhecer que nas guerrilhas elas desempenharam múltiplos papéis. Papéis estes, que embora nem sejam reconhecidos como esforços de guerra foram de suma importância para o sucesso dos combates, a exemplo, das camponesas que se ocupavam de cuidar dos guerrilheiros, prover as guerrilhas (PAREDES, 2014), até as combatentes que empunharam suas armas.

Mesmo sendo caracterizada como menor e inferior diante da hegemonia e pensamento masculino nos processos históricos, sendo a guerra um espaço dominado pelos homens, os conflitos políticos e armados também são protagonizados pelas mulheres angolanas, negando a ideia de passividade que historicamente o colonialismo a elas reserva, Maria Salette Daros Souza (2015) elucida que é: “questionável o estereótipo de gênero que atribui às mulheres o lugar ‘da paz’, em contraposição ao lugar ‘da guerra’ destinada aos homens na estabelecida dicotomia ‘mulher pacífica x homem violento’”. (SOUZA, 2015, p.114)

A participação das mulheres foi ativa, efetiva e necessária. Eram elas que adentravam àquele ambiente hostil e como parte da missão se preocupavam com a educação, saúde dos guerrilheiros e conquistaram apoio à causa. Quanto aos planejamentos das ações, organizaram estratégias durante os confrontos,

transportavam armas, colocavam explosivos, dentre outras ações diretas na luta armada.

Fomentaram a ideologia de nacionalismo, nos cultos religiosos reivindicavam um novo evangelho, buscavam os fundos e apoio para o movimento, ocupavam-se da comunicação, prestavam apoio aos órfãos e viúvas.

Nesse contexto, as mulheres que não foram aos campos de guerrilha, sozinhas, desempenharam o sustento das famílias, suportavam as perseguições e pressões da polícia do governo. Além de sofrer com a espera do regresso dos seus, conviviam constantemente com os bombardeamentos e destruição das propriedades.

As mulheres percebiam o processo de invisibilização e silenciamento ao qual eram submetidas, e que ganhavam formas nas violências simbólicas e estruturais, conforme uma ex-combatente relata:

Consumi minha vida de arma na mão, ao lado de homens, mas o meu esforço não foi reconhecido. Muitos colegas menos competentes do que eu foram promovidos e patenteados só por serem homens e hoje vivem bem. Fui discriminada na família. Na sociedade. Nas fileiras onde dediquei a minha juventude e toda a minha melhor energia. A discriminação existe em todo o lado, mas é no exército que se faz sentir com maior intensidade. O mundo das armas foi sempre o santuário dos homens. Eles defendem-no. Até parece que têm medo que as mulheres penetrem. (CHIZIANE & KASEMBE, 2008, p. 111-112).

Os enfrentamentos femininos, se estendiam nos diversos setores da vida das mulheres, porque sua atuação não era compreendida nem por seus companheiros de guerra, nem por seus familiares. Os homens discriminavam e criavam ambientes de negação e silenciamento, dando continuidade ao sistema opressão imposta pelo colonialismo, durante e após a independência.

Dentre as estratégias femininas que corroboraram com a preservação e continuidade da juventude, sendo que o Exército retirava contra a vontade para as lutas armadas, emerge a experiência de uma mãe que para proteger seus filhos dos horrores da guerra de libertação lança mão de um recurso que funcionou e enganou o Exército como demonstra Pontes (2005):

Antigamente, os homens todos iam para a guerra, os meninos eram retirados à força de casa. Mas eu fui esperta com meus filhos: desde pequenos, sempre os levava no médico. Queixava-me de uma dor no peito, uma vista que enxerga mal, uma perna que dói, de uma saúde que era fraca. Pegava as receitas e guardava todas, mas não dava os remédios, eles sempre tiveram saúde. Com aquelas receitas, enganava o exército, pensava que

meus filhos tinham saúde fraca. Por isso, nunca foram chamados (PONTES, 2005, p. 18-19).

Assim ao impedir seus filhos de ir para guerra a mãe-mulher estrategicamente enfrenta o sistema burlando a ordem geral com astúcia e sabedoria, fazendo perceber que nem sempre a frente de batalha significava morrer na guerra, mas propiciar a continuidade de uma família, que mesmo não desejando integrar os conflitos, eram obrigados a se submeter aos horrores, sem dizer não. Essa mulher astutamente utiliza sua inteligência ao incutir doenças que seus filhos nunca tiveram, mas que no contexto lhes salvaram de ir para o combate.

Para fugir da violência que estavam expostas, provocadas pelo assédio sexual dos militares no dia a dia, as mulheres angolanas civis e vendedoras que naquele contexto não podiam esperar a proteção do estado, também se utilizavam de uma estratégia para se defender, como lembra Carvalho Filho (2000): “para fazer frente a tal estratégia, a mulher do povo, que não tem muito a quem recorrer, articula a sua tática, agradando a polícia com alguma ‘gasosa’, a fim de lhes comprar os ‘bons olhos’ e de não as molestarem”. (CARVALHO FILHO, 2000, p. 7).

Assim, elas aproveitam para presentear com a bebida aos militares como garantia de proteção, contra as agressões sexuais a que eram submetidas, mesmo não estando na luta armada, fazendo sua frente, ou seja, utilizar armas próprias para enfrentar um combate desigual.

2.3 A LITERATURA SOB A VOZ FEMININA NA LUTA CONTRA OPRESSÃO

As literaturas africanas são consideradas jovens, com aproximadamente 160 anos, desde a oficialização sempre buscaram afirmação de identidade, além de mostrar as potencialidades e os valores políticos e culturais de seus países. Seu desenvolvimento se deu nos ambientes acadêmicos por meio de escritores, jornais, revistas e principalmente pelos estudantes que se reuniam na Casa dos Estudantes do Império (CEI), em Lisboa.

Entre 1930 a 1960 adquirem características intrínsecas e próprias com o objetivo de um movimento político literário de valorização das produções autorais de seus países. Angola movimenta-se para a afirmação das raízes e identidade com lema: "Vamos descobrir a Angola" publicada na revista Mensagem e fica nítida a

invisibilidade das mulheres durante esses movimentos, pois não são citadas como identifica Abdala Junior (2006), são atores dessa etapa histórica “Agostinho Neto, Antônio Jacinto e Viriato da Cruz, entre outros que viriam inscrever o seu nome na história das letras e da República Angolana”.

António (2021) nos auxilia na reivindicação desse lugar literário de Deolinda Rodrigues, discriminada e protagonista plural, pois, além do detalhamento narrativo da guerra, dos conflitos e da luta sob a ótica de quem esteve presente não somente em pensamento, mas de quem esteve dentro do campo de batalha, assim declara:

De dentro da luta, diferentemente de outros escritores angolanos que escreveram de dentro das prisões ou de seus gabinetes, Deolinda narra para nós, em meio aos cruzamentos das balas e de partes de corpos suspensos e lançados pelas minas espalhadas pelo caminho, a grande e longa odisseia que foi o seu e o percurso do Esquadrão Camy, do Congo para Luanda. Mas nem o novo poder em suas mãos e o novo e difícil desafio que tinham pela frente foi capaz de abortar a tão sublime missão da caneta que empunha em suas mãos, que nos leva quase a experienciar os momentos dessa odisseia. (ANTONIO, 2021).

Os registros contidos nos livros “Diário de Um Exílio Sem Regresso”, e a “Cartas de Langidila e outros documentos”, publicado respectivamente, 2003 e 2004, no qual extraímos fragmentos que nos auxilia na compreensão sob as frentes as quais Deolinda estava imersa.

Enquanto uma mulher negra, esta representa uma narrativa que garante que sua voz e daquelas que sucumbiram em batalha não sejam silenciadas. Deolinda trazia a essência das mulheres angolanas, que não aceitavam a passividade como modo de vida, essa inquietude contra violência colonial, se expressa na junção de duas mulheres a defender um dos seus:

Um capataz branco estava a sovar selvagememente um dos pesos que estão a abrir valas. A quitandeira e eu éramos as únicas pessoas perto e o sol era de matar [...]. Reclamamos para o *ngqueta* deixar de bater, mas ele ameaçou. A quitandeira disse-me para continuarmos a gritar até virem homens patrícios. [...] O que me impressionou foi a paralisação do patrício que estava a ser chicoteado e dos outros. Ele era mais forte do que o branco, mas só gemia. (RODRIGUES, 2003, p. 31).

Mesmo sob ameaça, essas duas mulheres continuam a gritar alarmando outros a fim de interromper a sessão de espancamento, ao final Deolinda reflete sobre a passividade do patrício que apanhava, mas o controle do corpo e da mente pela

violência é uma estratégia fortíssima dentro do sistema colonial, que aprisiona e controla a reação dos oprimidos.

Deolinda através das cartas trocadas, no auxilia num processo de costura comunicativa que denuncia e registram fatos, ao qual não se perde de vista, as questões antes mesmo da batalha, na carta que dialoga com uma irmã, ela adiciona o relato-denúncia recebida de Bebiana:

As mulheres de Angola sofrem todas as espécies de crueldade da Mao dos portugueses. Inúmeras são violadas, até as crianças de 8, 10 anos. É de lamentar a vida que levamos em Angola. Não se pode andar 7 horas ou 8 horas nos musseques. A guarda militar não veio em Angola manter a paz, mas sim para violar toda a espécie de mulher: velha, nova, criança. (RODRIGUES, 2004, p. 87).

A denúncia feita por Bebiana que é registrada na carta de Deolinda, demonstra a riqueza de detalhes e o cuidado ao manter a comunicação articulada, na qual ela coloca com o “P.S.”, e assim repassa a informação com que se passa nas comunidades e a violência que se impõe as mulheres.

Deolinda, ainda escreveu quatro poemas, que refletem questionamentos, suas dores, sua crença, seu sonho por uma Angola liberta.

Seus “poemas de guerrilha” são expressões de uma luta intelectual que Deolinda travará contra o colonialismo, sobre as inquietudes internas, sua condição social e os objetivos coletivos.

A escrita de Deolinda em “Mamã África” denota uma urgência de conhecimento de suas origens e deixa bem marcado contexto de guerra e o apelo que aponte para o fim do conflito. Demonstra a desilusão que presencia nas ciladas do poder colonialista. Mesmo assim com o regresso infeliz aponta que por amor não deve deixar de acreditar na sua terra, conforme destacamos:

“eles caçoam de ti
caíste na ratoeira
enganada
não distingues o verdadeiro do falso
no teu cândido e secular vigor
cegaste,
e agora és tu África
[...]
Mas África
Mamã África
P’lo amor de coerência
Inda quero crer em ti

(Deolinda Rodrigues)

O estilo literário de “poema de guerrilha” soa como um relato vivo do período, mas atravessa o fato histórico para a atemporalidade, quando o poema “Um 4 de Fevereiro”, em tom nacionalista refere-se à pátria que maltrata os seus, e mesmo oprimida pela prisão Deolinda, não se esquece dos outros que por ali passaram, demonstrando largo conhecimento de mundo e de conflitos, confiança, determinação e esperança no grupo MPLA.

Não há relógio
Expirado o minuto de silabas
Três vozes provocadas (?)
Lançam-se p'ra lá da cela
“com o povo heroico”
“Revolução angolana”
E o dinâmico “Da Triste História”

Soam passos
MPLA, Vitória ou Morte
Três punhos cerrados violam o ar da cela
MPLA, Vitória ou Morte
MPLA, Vitória ou Morte
(Deolinda Rodrigues)

Em seus versos, anuncia que só lhe restaria dois caminhos, a vitória ou a morte, fica explícito seu empenho em registrar e desenhar os objetivos de vida e luta por uma Angola livre.

“Três punhos cerrados violam o ar da cela”, neste trecho do poema “Um 4 de Fevereiro”, Deolinda aponta sua insurgência, em compreender que a triste história das que lutam pode acabar no silêncio das opressões, mas em sua consciência sabe que rompeu as frentes de batalhas, que o colonialismo lhe impôs por ser uma mulher.

Mas nossa heroína renova a fé das companheiras através das palavras de ordem, que sinalizam toda sua crença pelos caminhos da libertação, “MPLA, Vitória ou Morte”.

Assim, seja na frente de luta, seja na memória social, histórica e literária, as mulheres continuam no lugar do silêncio, pois obras como a de Deolinda Rodrigues, são pouco difundidas e estudadas, sendo que representam e acentuam o grande movimento político de libertação de Angola.

Angola é considerada “livre”, mas essa liberdade não foi completa!

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar o protagonismo feminino nas histórias das lutas é desvelar que ainda temos todo um caminho na reconstrução das relações de gênero que permeiam as nossas sociedades, romper com o colonialismo exige um exercício diário de compreender-se como um coletivo que se respeita e refina as formas de se relacionar em comunidade.

Ao percorrer estes caminhos para buscar o protagonismo das mulheres nas guerras e nos conflitos internos e externos, foi percebido que mesmo contracenando com as limitações imposta pelo sistema colonialista, as mulheres inscreveram-se tanto nas frentes de luta armada quanto na política. E construíram as bases sólidas para a independência do seu país.

Buscando nas Cartas e Diário de Deolinda Rodrigues, nos deparamos com uma literatura de guerrilha que foi capaz de não somente registrar os desafios do cotidiano do movimento político, mas os enfrentamentos de ser mulher neste movimento.

Estes enfrentamentos não eram somente contra o sistema colonial português que oprimia o povo angolano, mas, nas ideologias que modificaram a consciência social, no sentido de replicar seus valores machistas e patriarcais em sua sociedade.

Com isso, a figura de Deolinda Rodrigues e tantas outras companheiras que adotaram a luta de todos como sua luta de vida foi primordial, renunciaram seus objetivos particulares, para empreender resistência aos sistemas, às ideologias e opressões, e ainda se mantiveram atuantes nos diferentes espaços que lhes foram e são negados.

Foram capazes de doar suas vidas ao movimento, mesmo sabendo que sua luta por uma liberdade para todos, ainda fosse perdurar até os dias de hoje, não se amedrontando, e assim o fizeram para que as próximas gerações de mulheres pudessem acreditar num futuro realmente livre e colhesse alguns frutos dos sacrifícios de suas antecessoras.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. “Panorama histórico da literatura angolana”. In: Chaves et alii. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

ABRANTES, José Mena (Org.), José Eduardo dos Santos e os Desafios do seu Tempo: Palavras de um Estadista – 1979/2004, Vol. I, 1ª edição, Edições Maianga, 2004.

ANTÓNIO, Mateus Pedro Pimpão. Memórias de guerra: (res)sentimentos e revolta na escrita de Langidila. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 52, n. 1, p. 83-107, mar./jun. 2021.

CARVALHO, Júlio Sebastião Fernandes de. *Mulher-Soldado no Ordenamento Jurídico Angolano*, Editora Chá de Caxinde, Luanda, 2009.

CDIH - Centro de Documentação e Investigação Histórica do MPLA. *História do MPLA*. (Vol. I 1940-1966). Luanda: 2008.

CHIZIANE, Paulina & KASEMBE, Dya. (Org.) *O livro da paz da mulher angolana – As heroínas sem nome*. Editorial Nzila, 2008. (Coleção Memórias, 6).

FRANCISCO, Alberto André Carvalho. «A Política Externa de Angola durante a Guerra Fria (1979-1992)». Brasília/Brasil: Universidade de Brasília / Instituto de Relações Internacionais – (Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Pio Pena Filho), 2013.

PAREDES, Margarida. *Mulheres na luta armada em Angola: Memória, cultura e emancipação*. Tese (Antropologia), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal, 2014.

PONTES, Juliana Borges. *Filhos da Guerra. Histórias da vida em Angola*. Trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Deolinda. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Nzila, 2003.

RODRIGUES, Deolinda. *Cartas de Langidila e outros documentos*. Luanda: Nzila, 2004.

SOUZA, L. *Militância, escrita e vida: a poesia de Deolinda Rodrigues*. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 51, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8651158>. Acesso em: 12 dez. 2021.

SOUZA, Maria Salete D. *Cabe o amor no relato da Guerra? Testemunhos femininos e o atlântico pós-colonial*. Tese (Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

TALI, Jean-Michel Mabeko, Dissidências e Poder de Estado: O MPLA perante Si Próprio (1962-1977), Vol. II, Luanda, 2001.